

Experiências de um Aluno de Licenciatura no Campo da Pesquisa Histórica

Alexandre Felipe Fiúza**

Em meio à comida dos porcos, num chiqueiro, dezenas de pessoas lutavam com os animais à busca de alimento e, em meio a estes, encontraram uma prova de História, onde fôra elaborada a importante questão: “Quem foi o primeiro governador-geral do Brasil”? Tal cena está presente no premiado curta-metragem “Ilha das Flores” onde são feitas inúmeras críticas à nossa sociedade e, entre elas, um questionamento sobre a “importância” do estudo da História.

Uma das disciplinas mais detestadas por alunos de 1º grau é justamente a história. Os professores ‘mais’ esclarecidos rapidamente encontram a causa: “o desinteresse dos alunos”, estes não percebem a importância de conhecer a vida de D. Pedro I, os três tipos de regência, o nome dos faraós que governaram o Egito, entre outros ‘importantes’ temas da disciplina. Na verdade, a causa do desinteresse já é óbvio para os historiadores, ou seja, uma grande crise no ensino e, em especial, no de História.

A crise é mais grave no ensino de 1º e 2º graus, pois é nesse período escolar em que o ensino de história reproduz a ideologia da classe dominante, através de uma “metodologia” em que é cobrada do aluno a sua capacidade de memorizar datas e fatos, simplesmente reproduzindo idéias e conceitos pré-estabelecidos, com intuito, ainda, de formar um exército de mão-de-obra barata, apolítica e reprodutora do sistema capitalista.

* Comunicação Apresentada no “III Encontro Nordestino de História”. ANPUH-PB, NDIHR, UFPB, DH. João Pessoa-PB, 17 a 20 de abril de 1995.

** Graduando em História -UFPB/Bolsista do CNPq/PIBIC.

Esses problemas não podem ser explicados somente por eles mesmos, pois a Educação está inserida num campo muito amplo, ou seja, na sociedade e nas relações de poder que nela coexistem, desde a superestrutura até os micropoderes descritos por Foucault. A identificação e a posterior luta contra essas pequenas parcelas em que se dividem o poder são imprescindíveis na mudança da sociedade.

O ensino de História se torna obsoleto quando os temas são apresentados de forma acabada, distante da realidade do aluno e onde o encadeamento cronológico deve ser religiosamente mantido. Ora, a História não é um recipiente cheio de conhecimentos, ela é viva, está sempre em modificação e, portanto, não pode ser apresentada ao aluno como algo resolvido e, sim, como um assunto a ser problematizado, para que o aluno através da pesquisa e de sua experiência pessoal dê as respostas às questões a que o objeto o remete.

Entende-se por estudo, a apresentação de temas já conhecidos, sistematizados e explorados por pesquisadores. A mera reprodução desses conhecimentos aos alunos inviabiliza o aprendizado e, ainda, impõe ao estudante o que este deve pensar, como deve agir, ou seja, homogeiniza sua ação frente ao mundo, servindo dessa forma a interesses de grupos dominantes.

A partir das experiências por nós vivenciadas, foi possível perceber a importância do binômio ensino/pesquisa nos cursos universitários. Entendemos que professor e pesquisador são duas profissões indissociáveis, pois não cabe ao profissional de História a simples reprodução do conhecimento. Tal forma de se encarar a História mantém os problemas já citados no ensino da disciplina em 1^o e 2^o graus e limita o historiador no processo de compreensão de sua realidade, bem como, da vida do homem ao longo do tempo.

É de suma importância para o aluno de História na Universidade a sua inserção no processo de produção do conhecimento, ou seja, na pesquisa. Nós trabalhamos há dois

anos no projeto *Resgate do Processo Histórico e Cultural dos Municípios Paraibanos*, coordenado pelo Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional - NDIHR, na Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação de Joana Neves, professora do Departamento de História. O objetivo deste projeto é o de elaborar materiais didáticos referentes à história local, a partir de um resgate da memória dos municípios, onde participam a comunidade, bem como os profissionais da educação e seus alunos. Após a realização dessa etapa, há a “reciclagem” dos professores para uma prática do ensino de História mais condizente com a realidade comunitária.

Convém ressaltar que a capacitação dos professores será um processo permanente, na medida em que estes, participam de forma ativa em muitas etapas do projeto.

Objetiva, ainda, o resgate de uma História que não seja aquela produzida enquanto atividade de eruditos, com técnicas personalizadas de interpretação do passado, herança do Positivismo, portanto, permeada por uma visão personalista, tradicional e bacharelesca. O projeto visa despertar/desenvolver na comunidade a sua auto-estima, a partir do resgate de uma História em que o “povo” não seja, simplesmente, peça de um cenário em que figuram pessoas e fatos importantes, como aqueles citados no início do texto. Uma História em que a experiência humana seja apresentada com suas contradições, suas relações de poder, sua dominação e resistência, compreendendo-a enquanto processo e fruto da ação dos agentes históricos. Tem, ainda, a intenção de contribuir para despertar a comunidade para o exercício de uma cidadania plena, através da valorização de sua memória histórica e cultural.

Não existem fórmulas prontas de conhecimento histórico, portanto, somente a prática pode levar o estudante de História a identificar o seu próprio papel de transformador, bem como, identificar os interesses, a luta de classes, as necessidades, antagonismos e contradições presentes na

experiência humana. A formação do professor/pesquisador de História é fundamental para alterar o quadro em que se encontra o seu ensino nas escolas, bem como, nas próprias universidades. Porém, vale a pena lembrar que outros problemas afligem o sistema educacional brasileiro, afetando diretamente a sua qualidade, ou seja, o sucateamento das escolas públicas, além das universidades; o processo de pauperização pelo qual vêm passando os professores; a má distribuição de renda que impossibilita o acesso de grande parte da população ao ensino. Além desses problemas, a sociedade vêm sofrendo a ameaça das privatizações nos mais variados campos, como da educação e saúde, ou seja, o projeto neoliberal que vem sendo implantado no país.

A UFPB, vem passando por mudanças na área de História, principalmente pelo fato de perceber a importância da pesquisa no curso de Licenciatura, algumas cadeiras foram reestruturadas com o sentido de formar professores/pesquisadores. A maior contribuição nesse trabalho tem sido dada pelo NDIHR, na medida em que este tem realizado, nos últimos dezesseis anos, inúmeras pesquisas nas áreas de História e Geografia, em especial, na primeira. O Núcleo tem buscado a compreensão do processo histórico de nossa região e, para tanto, tem realizado trabalhos nos mais variados campos, como: questão agrária, estrutura do poder, organização de acervos no Estado, história dos municípios; além de divulgar trabalhos no seu caderno de debates, reeditar obras importantes, montar banco de dados, preservar importantes documentos históricos, entre outras atividades que têm melhor capacitado professores e alunos, mediante a concretização da relação ensino-pesquisa.

Concomitante à pesquisa e ao estudo na Universidade, trabalhamos como professor de 5ª a 8ª série do 1º grau na rede particular de ensino, durante dois anos. Durante esse período nos foi possível identificar *in loco* os problemas enfrentados pelo professor de História, ou seja, a visão factual que o aluno traz da 1ª fase do 1º grau, além de

todas as questões levantadas anteriormente. Através dessa experiência, percebemos a importância da prática da pesquisa no processo ensino-aprendizagem, ou seja, enquanto busca e construção, e não reprodução de um conhecimento.

Nossa história oficial está repleta de heróis da elite, dos vencedores e a mera identificação de importantes agentes históricos da classe dominada, por si só, não altera o aprendizado, ou seja, exige que o professor atue como orientador, para que o aluno encontre caminhos que o levem a uma “consciência histórica”. É claro que não há neutralidade nessa “orientação”, porém, na medida em que vão surgindo os temas, novas interpretações podem ser dadas pelo aluno, colocando-o, assim, como produtor do conhecimento histórico.

A História com que tivemos contacto como aluno de 1º grau não foi diferente daquela “velha” visão positivista. Porém, no 2º grau, vivenciamos uma experiência bem diferente de até então, ou seja, estudamos a História através de temas, divididos em estudo de textos e artigos de jornais, análise de músicas, poemas e filmes. O processo de avaliação era contínuo e as “provas” foram substituídas por: apresentação de peças teatrais pelos alunos, programas de auditório e de rádio, textos escritos, análise dos documentos. Era o contato com a linha temática, sem sabê-la...

Esta forma de estudo auxilia o aluno na compreensão do sistema em que vive, bem como, na maneira como a sociedade se organizou ao longo do tempo, as relações sociais e a luta de classes que ali existiram. Porém, é necessário, ao estudar a História por temas, não perder a noção de processo e, ao mesmo tempo, não construir uma visão totalizadora com características uniformizadoras que desprezam as peculiaridades que podem existir em cada objeto de estudo.

A inserção dos alunos na pesquisa deve ser feita respeitando as fases da infância e da adolescência. É importante que os alunos de 7 a 10 anos de idade tenham

contato com noções elementares de tempo, espaço, fato, período. Numa segunda fase, dos 11 aos 14 anos de idade, é necessário uma melhor informação sobre os fatos, organização cronológica dos acontecimentos, a identificação de ações de grupos e pessoas, a relação tempo/espaço, além do estudo das transformações ocorridas nas sociedades.

O segundo grau inspira muito cuidados no tocante ao ensino de História, pois é a fase da adolescência, onde são bombardeados sobre os jovens inúmeros estereótipos, que colocam a puberdade como problema, ou que, ainda, procuram controlar suas idéias e ações. A adolescência é o período em que são questionados valores, estigmas, tradições e preconceitos, que são impostos com o intuito de frear o “desejo de mudança” que o jovem possui, a História se torna importante nessa “fase” pois dá subsídios ao adolescente para que este construa uma consciência crítica e não reprodutora ou inerte perante o mundo. Nesse período é importante se explorar a reflexão e a crítica, estabelecer, uma relação entre a História e a vida, conhecer conceitos, construir noções de processo, além de identificar os sistemas econômicos, sociais e políticos.

Portanto, faz-se necessário que os historiadores percebam a importância de se conhecer os aspectos cognitivos dos alunos, bem como a importância da formação do profissional que associe o ensino à pesquisa. Com o sentido de construir uma História mais crítica e comprometida com os interesses da maioria da população. Não apenas para que não achemos mais provas de História mal formuladas no lixo, mas que também não achemos mais seres humanos se alimentando deste.

BIBLIOGRAFIA

- BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense Col. Primeiros Passos, 1985.
- BERGMANN, Klaus, "A história na reflexão didática". In: SILVA, Marcos A. da. **História em quadro-negro: Escola, ensino e aprendizagem**. São Paulo, ANPUH/MARCO ZERO, vol.9, nº19, 1989/90, pp.29 a 42.
- CARVALHO, Maria Muller de . et alli. "Aprender quais histórias?" In: **Cultura e Linguagens**. São Paulo. ANPUH/MARCO ZERO, V.07, nº13, 1986/87. pp.153 a 164.
- CRUZ, Heloisa de Farias. "Ensino de História: da reprodução à produção do conhecimento". In: SILVA, Marcos A. da **Repensando a História**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1986, pp.25 a 29.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. (Org. e Tradução de Roberto Machado). Rio de Janeiro: Editora Graal. 4ª ed. 1984
- NEVES, Joana. "Como se estuda História". In: BARROS Ruston Lemos de . **Revista de Ciências Humanas**. João Pessoa. UFPB/CCHLA. 1980, nº 04. pp. 65 a 91.
- SILVA, Marcos A. da. "A vida e o cemitério dos vivos". In: **Repensando a História**. Rio de Janeiro.Marco Zero, 1986. pp. 15 a 29.
- SILVA, Marcos A. da "Vivências da contramão - Produção de saber histórico e processo de trabalho na Escola de 1º e de 2º graus". In: **História em Quadro-negro**. São Paulo, ANPUH/Marco Zero. V. 09, nº 19, 1989/90. pp. 09 a 28.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. "A pesquisa histórica na UFPB". In: BARROS, Ruston Lemos de. **Revista de Ciências Humanas**. João Pessoa. UFPB/CCHLA, 1980, nº04, pp. 249 a 266.

VIEIRA, Maria do P. de Araújo. et alli. **A Pesquisa em História**. São Paulo, Ática, 1989.